

# A VIDA QUOTIDIANA MEDIEVAL PORTUGUESA. PERCURSO HISTORIOGRÁFICO

MARIA HELENA DA CRUZ COELHO  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## SUMÁRIO

Na síntese historiográfica que iremos apresentar tomamos como ponto de partida o livro muito precoce, escrito nos anos sessenta por Antonio Henrique de Oliveira Marques, *A Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da Vida Quotidiana* para chegarmos à obra colectiva, publicada em 2012, *História da Vida Privada em Portugal*, que, no seu volume primeiro, contempla a Idade Média. Entre estes marcos procuraremos traçar um percurso da evolução dos estudos de história económica, social, religiosa, cultural e das mentalidades que trataram a vida quotidiana da casa, da mesa e da convivialidade, em ambientes mais rurais ou urbanos, os dias do trabalho ou os tempos extraordinários festivos, as devoções, a religiosidade e a morte ou a família, a mulher e a criança.

Abrimos este estudo de historiografia com a apresentação de uma obra da década de 60 do século passado e desaguando numa outra já desta década do século XXI. Trata a primeira da vida quotidiana na Idade Média e a segunda da vida privada, o que nos permite, desde logo, uma vez que os dois conceitos não se identificam mas se intersectam, tecer algumas considerações conceptuais sobre os mesmos.

Estas obras, distanciadas por cinco décadas, balizam igualmente o percurso historiográfico que se foi percorrendo em Portugal sobre a temática.

Analisa-se então estudos de História rural e urbana, temas da renovada história económica e social portuguesa a partir dos anos 80, ou ainda da história religiosa, da nobreza e dos grupos sociais, para nelas encontrar aflorações do quotidiano dos homens e das mulheres inseridos em diferentes contextos institucionais, sociais e de enquadramentos espaciais e de poderes.

Avançando para os finais do século XX, múltiplos temas da vida pública e privada de todos os dias —da mulher à criança, do trabalho, da habitação, da alimentação, do vestuário, da assistência, da morte, do corpo e da sexualidade, da crença e da espiritualidade, das culturas, das festas e dos jogos— foram-se autonomizando em monografias, artigos ou capítulos de obras de síntese, os quais se procuram dar a conhecer, no crescendo da profundidade e alargamento conceptual e metodológico com que operam, e dos campos novos que rasgaram, muitos deles ainda em devir.

## 1

Em 1956 Antonio Henrique de Oliveira Marques licenciava-se com uma dissertação intitulada *A Sociedade em Portugal nos séculos XII a XIV*, trabalho que veio a ser publicado com o título *A Sociedade Medieval Portuguesa (Aspectos da vida quotidiana)* pela Editora Sá da Costa em 1964. Bem recen-



temente, em 2012, o Círculo de Leitores deu à estampa a obra, em vários volumes, *História da Vida Privada em Portugal*, a qual, no seu primeiro volume, contempla a Idade Média.

Vida quotidiana e vida privada não são, bem o sabemos, exactamente a mesma coisa, mas aproximam-se muito. E desde logo, o que nos salta à vista é o tempo bem alongado —mais de meio século— que se assinala entre os dois trabalhos, o que nos leva a ter plena consciência do lento amadurecimento destas temáticas na historiografia portuguesa. Mas antes de avançarmos por esse devir historiográfico fixemo-nos na obra primeva.

O estudo de Oliveira Marques, que tem já seis edições em português, respectivamente de 1964, 1971, 1975, 1981, 1987 e 2012<sup>1</sup>, bem como duas em inglês<sup>2</sup>, aborda, nos seus dez capítulos, a mesa, o traje, a casa, a higiene e a saúde, o afecto, o trabalho, a criança, a cultura, as distrações, a morte, tratando, assim, de temáticas mais materiais de incidência económica e social, enquanto noutras aflora comportamentos, culturas e mentalidades. O Autor parece ter-se deixado fascinar por algumas páginas de Costa Lobo no seu estudo *História da Sociedade em Portugal*, mas tinha muito poucos referentes historiográficos portugueses para o apoiar. Certo é que na Faculdade de Letras de Lisboa, eminentes geógrafos, etnólogos e historiadores —não se podendo aqui esquecer o importante contributo de Virgínia Rau— o predispunham para esta inovação e abertura<sup>3</sup>.

Não hesita por isso o seu Autor, no prefácio à primeira edição, em considerar esta obra “um trabalho pioneiro, com todas as desvantagens que a abertura de caminhos traz sempre, de inexperiência e de irresolução perante dificuldades imprevistas”<sup>4</sup>. Mas não deixa também de vincar que a originalidade é menos significativa nos capítulos sobre o afecto e a crença e que a parte referente à cultura se trata de uma síntese dos trabalhos produzidos sobre o tema.

A estrutura da obra é explicada por Oliveira Marques com a clareza do seu espírito metódico e pragmático: “A enumeração dos capítulos foi norteada pela vida e pelas necessidades de cada ser humano. O homem precisa, antes de tudo, de se alimentar, de se vestir e de arranjar abrigo. Para não morrer, obriga-se a certos hábitos de limpeza e procura conservar a saúde. É depois que ama, que trabalha, que reza, que se instrui e que se diverte. Finalmente morre e é sepultado”<sup>5</sup>. Refere ainda a razão da omissão de certos assuntos, fosse porque muito acrescentariam a obra, fosse por falta de estudos que os sustentassem, e justifica a cronologia do estudo que decorre do século XII ao XV.

Certo é que esta obra teve muito pouco impacto historiográfico na década de 60 e até mesmo na de 70. Como já escrevi<sup>6</sup>, verdadeiramente só na década de 80, depois de alguns trabalhos mais profundos sobre a clerezia e a nobreza, se deu relevo a todas as valências dos diversos estratos que

1. As cinco primeiras pela Sá da Costa Editora e a última pela Esfera dos Livros que é uma edição póstuma.

2. Respectivamente de 1971 e 2003.

3. Na realidade era em Lisboa que, nas décadas de 50 e 60, se estudavam os aspectos mais inovadores da sociedade e da vida quotidiana em teses de licenciatura como as de Martins, Maria Ofília Simões. *Elementos para o estudo do vestuário nos séculos XII-XIV*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1959; Baquero, Humberto Moreno. *Subsídios para o estudo da sociedade medieval (moralidade e costumes)*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1961; Santos, Vitor Manuel Pavão dos. *A casa do Sul de Portugal na transição do século XV para o XVI*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1964. E Oliveira Marques continuava a publicar artigos sobre a população e aspectos da vida social e económica, depois reunidos na obra: Marques, Antonio Henrique de Oliveira. *Ensaio de História Medieval Portuguesa*. Lisboa: Portugália Editora, 1965.

4. Marques, Antonio Henrique de Oliveira. *A Sociedade Medieval Portuguesa (Aspectos da vida quotidiana)*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010: 15.

5. Marques, Antonio Henrique de Oliveira. *A Sociedade Medieval Portuguesa...*: 16.

6. Coelho, Maria Helena da Cruz. “A medievalidade na obra de A. H. de Oliveira Marques”, *Na jubilação universitária de A. H. de Oliveira Marques*. Coimbra: Minerva, 2003: 24-25.



compunham a sociedade medieval portuguesa e se incidiu sobre os aspectos do seu quotidiano de viver, sentir e morrer.

Então a obra *A Sociedade Medieval Portuguesa* de Oliveira Marques tornou-se, quase “uma Bíblia”. Ninguém discorreu sobre as funções e os ritmos de trabalho do homem medieval, sobre as suas condições de habitabilidade, higiene ou saúde, sobre as suas manifestações exteriores de vestuário e mesa, sobre os seus afectos e crenças, sobre os seus valores culturais ou distrações ou sobre os seus modos de encarar a morte, sem recorrer a essa obra fundamental. E nela sempre encontrou —o que é marca identitária do seu autor em toda a sua produção científica— uma clara e sistemática exposição de cada tema, apresentada com clareza e objectividade, suportada por um vocabulário técnico-científico miudamente explicitado, e fundamentada numa ampla e sistemática investigação de fontes, sempre abonadas e em pleno identificadas. Julgo que todos os investigadores que tenham tido necessidade de recorrer a esta obra colheram nela qualquer sugestão, informação bibliográfica ou pista documental, que lhe veio a ser útil. E quando as temáticas da vida quotidiana, da convivialidade, dos sentimentos e da religiosidade entraram no circuito do ensinar e aprender, tanto no meio universitário como nos demais graus de ensino, então este livro foi lido e relido, tornando-se obra de consulta obrigatória. Nas suas palavras e ilustrações se basearam, de facto, muitos docentes e discentes para reconstruírem, no hoje, os tempos de ontem, vestindo personagens, encenando feiras, festas, jogos, torneios e teatros medievais, ou fazendo desfilar embaixadas ou entradas régias.

Desaguemos na segunda obra, o dito volume primeiro, coordenado por Bernardo Vasconcelos e Sousa, da *História da Vida Privada em Portugal*, dirigida por José Mattoso<sup>7</sup>. Três partes o compõem —partindo dos espaços e lugares, foca-se em seguida o corpo para se atingir por fim a alma. Na primeira distinguem-se os espaços urbanos dos rurais, apresentam-se as diferenciadas construções habitacionais do paço e da casa, explicitam-se as estruturas de parentesco, casamento e designações lexicais das relações familiares, conhecem-se ambientes festivos e conviviais ou marcas de exclusão e marginalidade. O corpo identifica-se pelo nome dos indivíduos, pela alimentação que sustenta os homens, pela particularização de mulheres e crianças, pela atenção à sexualidade, à saúde e à doença. A alma e o espírito revelam-se nas devoções e espiritualidade de homens e mulheres, na representação dos rituais da morte e visão do Além, ou nos mecanismos para perpetuar memórias de indivíduos e de linhagens.

A obra em geral toma como modelo a *História da Vida Privada*, gizada por Philippe Ariès e concretizada essencialmente por Georges Duby, após o falecimento do primeiro, e por um grupo de colaboradores, que sai o público em 1983.

Justamente no início deste volume o director geral da mesma, José Mattoso, explica os pressupostos e as dúvidas expressas por Georges Duby, problematizando questões maiores como a dicotomia entre público e privado e não menos a difícil fronteira entre a vida privada e a vida quotidiana ou ainda a conceptualização de indivíduo e individualismo.

Mas o volume contém ainda uma introdução específica do seu director e coordenador, que particulariza as específicas dificuldades de uma *História da Vida Privada* em tempos medievais. Se enuncia desde logo a escassez de fontes, reforça ainda mais a questão dos escritos clericais que nos chegam, imbuídos de toda uma estratégia normativa que nos esconde intimismos, acentua

7. Mattoso, José, dir., de Sousa, Bernardo Vasconcelos e, coord. *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2010.



igualmente a assunção tardia da consciência individual de pecado e de moral dos actos humanos e insiste, com mais ênfase para tempos medievais, na difícil fronteira entre o público e o privado. E quanto a este último ponto escreve: “temos de sublinhar: primeiro, que o uso do conceito de vida privada para sociedades anteriores à implantação do Estado Moderno tem de ser acompanhado de precauções que relativizam o seu sentido e o seu alcance; segundo, que a oposição público/privado pode, ao contrário do que acontece na Idade Moderna, não ser exclusiva, ou seja há domínios em que ela nada significa, ou, até, que não se podem considerar como públicos, nem como privados”<sup>8</sup>.

A obra concretizou-se com a participação de catorze colaboradores, responsáveis pelos diversos temas analisados. Temas que, tendo uma coerência em si mesmo e nas partes que integram, resultam em grande parte da investigação e estudos realizados desde a década de 80 até 2010. Sem eles esta síntese actualizada não teria sido possível, da mesma forma que a evolução historiográfica condicionou a estrutura do trabalho colectivo. Logo, percorrer esta obra pode também ser um exercício de história da história medieval portuguesa<sup>9</sup>.

## 2

Muitos balanços sobre a medievalidade portuguesa têm já realçado como na década de 80 se apresentaram duas linhas fortes de estudo —a história rural e a história urbana<sup>10</sup>. Cinco teses de doutoramento defendidas nessa década no âmbito da história rural (a de Robert Durand<sup>11</sup>, a de Maria Helena Coelho<sup>12</sup>, a de Iria Gonçalves<sup>13</sup>, a de Pedro Barbosa<sup>14</sup> e a de Rosa Marreiros<sup>15</sup>) abriram caminho ao conhecimento, entre outros temas, de processos de colonização, de arroteamentos e cultivo do território, de produções, preços e consumos, de modos de exploração dos senhorios, de rendas e rendimentos senhoriais, de interação de poderes e direitos sobre a posse da terra, de aristocracias vilãs, de trabalhadores da terra —dos camponeses aos assalariados—, de ritmos de trabalho e tempos festivos, de solidariedades aldeãs, de modos de vida, comportamentos e mentalidades campesinas. E os estudos de história agrária e rural prolongaram-se largamente pela década

8. Mattoso, José, dir., Sousa, Bernardo Vasconcelos e. *Historia da Vida Privada em Portugal...*: 21.

9. Para um recente balanço sobre os estudos de história do quotidiano leia-se Conde, Manuel Sílvio Alves. “The history of everyday life”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir., Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 513-527.

10. Entre outros, veja-se Coelho, Maria Helena da Cruz. “Balanço sobre a história rural produzida em Portugal nas últimas décadas”, *A cidade e o campo. Colectânea de estudos*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000: 23-40; Coelho, Maria Helena da Cruz. “Historiographie et état actuel de la recherche sur le Portugal au Moyen Âge”. *Memini. Travaux et documents*, 9-10 (2005-2006): 9-60; Homem, Armando Luís de Carvalho; Andrade, Amélia Aguiar; Amaral, Luís Carlos. “Por onde vem o medievalismo em Portugal?”. *Revista de História Económica e Social*, 22 (1988): 115-138. Nestas sínteses se encontra muita da bibliografia citada.

11. Durand, Robert. *Les campagnes portugaises entre Douro et Tage aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian-Centro Cultural Português, 1982.

12. Coelho, Maria Helena da Cruz. *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

13. Gonçalves, Iria. *O património do mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1989.

14. Barbosa, Pedro Gomes. *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura Central: século XII a 1325*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.

15. Marreiros, Maria Rosa Ferreira. *Propriedade fundiária e rendas da coroa no reinado de D. Dinis: Guimarães*. Coimbra: Faculdade de Letras (Tese de doutoramento), 1990.



de 90 e seguintes, ainda que, com a evolução do tempo, fazendo-se sentir uma certa desaceleração dos mesmos<sup>16</sup>.

Se Oliveira Marques se apresentou como modelo e incentivo a muitos destes estudos, com a publicação, em 1962, da obra *Introdução à História da Agricultura em Portugal. A questão cerealífera*, é também ele que abre, ainda nesta década de 80, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, um mestrado sobre história urbana que foi extraordinariamente fértil na produção de monografias sobre as principais cidades e vilas de Norte a Sul de Portugal<sup>17</sup>. Desde então passou-se a conhecer o traçado do urbanismo medieval nas suas ruas, bairros, casas, edifícios públicos religiosos ou laicos de prestígio e infraestruturas de abastecimento, transformação ou armazenamento urbanos. Em consentâneo desvendaram-se os núcleos habitacionais e familiares, a estratificação social e as actividades económicas, do aparelho produtivo ao comercial e de serviços, e ainda a religiosidade, a convivialidade e a sociabilidade urbanas, plasmadas em redes paroquiais, confraternais e assistenciais. Pôde-se aperceber o perfil das linhagens e elites do poder e da governança e os seus comportamentos como grupo ou grupos de poder, traduzidos em hierarquias, símbolos, rituais e cerimónias urbanas.<sup>18</sup> E no cruzamento dos estudos do rural e do cidadão tem-se aprofundado o conhecimento da relação mais tensa ou pacífica entre as sedes urbanas e os seus termos aldeãos e das mentalidades e comportamentos dos homens do campo e da cidade<sup>19</sup>.

Um outro historiador, cujas contribuições são fundamentais para a temática historiográfica que abordamos, marca presença desde as décadas de 50 e 60, rasgando novos campos de

16. Veja-se Amaral, Luís Carlos. "Half a Century of Rural History of the Middle Ages in Portugal. A possible overview", *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Vasconcelos, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 303-321.

17. Entre algumas das pioneiras citem-se as de Beirante, Maria Ângela Rocha. *Santarém Medieval*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1980; Gomes, Rita Costa. "A Guarda Medieval. Posição, morfologia e sociedade (1200-1500)". *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, 9-10 (1987): 3-126; Ferreira, Maria da Conceição Falcão. *Uma rua de elite na Guimarães medieval (1376-1520)*. Guimarães: Câmara Municipal, 1989; Andrade, Amélia Aguiar. *Um espaço urbano medieval: Ponte de Lima*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990; Rodrigues, Ana Maria S. A. *Torres Vedras. A vila e o termo nos finais da Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995; Beirante, Maria Ângela Rocha. *Évora na Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995; Conde, Manuel Sílvio Alves. *Tomar medieval*. Cascais: Patrimonia, 1996; Macias, Santiago. *Mértola islâmica. Estudo histórico-arqueológico do Bairro da Alcôva (séculos XII-XIII)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1996; Silva, Manuela Santos. *Estruturas urbanas e administração concelhia. Óbidos medieval*. Cascais: Patrimonia, 1997. Assim, na década de 90, realizou-se um encontro científico sobre a temática de que resultou a obra: *Jornadas Inter e Pluridisciplinares. A Cidade*. Actas, coord. Maria José Ferro Tavares. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

18. O tema da história urbana, analisado sob diversas perspectivas, tem continuado a ser muito fecundo, estudado em teses, obras e artigos por consagrados e jovens historiadores. Para uma cabal percepção dessa produção científica, além dos balanços historiográfico atrás citados, leia-se Andrade, Amélia Aguiar; Costa, Adelaide Millán da. "Medieval Portuguese Towns. The Difficult Affirmation of a Historiographical Topic", *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 283-301; Coelho, Maria Helena da Cruz. "Municipal Power", *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 209-230. Outra significativa expressão da produção em torno da vida urbana e do quotidiano são os estudos publicados na obra dedicada a Iria Gonçalves, historiadora que muito se debruçou sobre estes temas: Andrade, Amélia Aguiar; Fernandes, Hermenegildo; Fontes, João Luís, coords. *Olhares sobre a História. Estudos oferecidos a Iria Gonçalves*. Lisboa: Caleidoscópio, 2009.

19. Com este enfoque de estudo realizaram-se diversos encontros científicos de que resultaram as obras, Gonçalves, Iria, coord. *Paisagens rurais e urbanas. Fontes, metodologias, problemáticas*, Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2005-2009 e "Paisagens Medievais, 1 e 2". *Media Aetas, Revista de Estudos Medievais*, (2005-2006): 2ª série, vols. 1 e 2. Uma síntese desta abordagem se colhe no capítulo de: Costa, Adelaide Millán de; Gonçalves, Iria. "O espaço urbano e o espaço rural", *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*. Lisboa: Círculo de Leitores: 24-53.



investigação. Referimo-nos, como é fácil de perceber, a José Mattoso que, em 1962, publica o seu estudo *L'Abbaye de Pendorada des origines à 1160* e, em 1968, a sua tese de doutoramento *Les monastères du diocèse de Porto de l'an mille à 1200*.

Desde então os estudos sobre casas monásticas masculinas e femininas, filiadas em diversas regras e observâncias, dos beneditinos e cistercienses aos cônegos regrantes de Santo Agostinho, dominicanos, franciscanos, clarissas e, mais recentemente, eremitas, foram-se sucedendo<sup>20</sup>. Se os trabalhos se iniciaram com o conhecimento dos mosteiros masculinos, a partir das décadas de 80 e 90, sob a influência da abertura ao estudo do papel da mulher, foram as instituições femininas que atraíram muito os investigadores. E se na maioria destes estudos se fica a conhecer o quadro orgânico e administrativo da instituição, bem como o seu património e rendimentos, não menos, em alguns deles, se descobre a vida da comunidade dos religiosos ou religiosas, liderada pelos seus superiores, no seu quotidiano de oração, ofícios litúrgicos e trabalho e na sua convivência interna, como ainda se desvendam as origens familiares dos seus professores e os laços de afectividade, complicitade e poder que se estabelecem com a parentela e a linhagem, dentro e fora da instituição monástica.

Na verdade, como já se verificou muitas vezes, coexistem nas casas monásticas femininas irmãs, tias, sobrinhas e primas. E algumas dessas mulheres podem mesmo protagonizar uma “maternidade artificial” e uma real “hereditariedade” ao legar cargos e bens às suas descendentes, como por exemplo, a passagem do abadessado de uma tia a uma sobrinha. Estas religiosas da mesma parentela melhor se defendem e mais se entreadjudam, como não menos suportam, a partir da instituição em que professam, o poder influenciador da sua família, protegendo-a e prestigiando-a no plano material, espiritual, simbólico e cultural. Logo as mulheres nobres deixam de ser só uma riqueza fecundante das linhagens pelo matrimónio para serem também uma riqueza fecundante em religião, sobremaneira a partir do poder que algumas conseguem exercer, ascendendo a abadessas<sup>21</sup>.

Para estas últimas abordagens contribuiu ainda outra linha de investigação lançada por José Mattoso, a da análise da nobreza. Depois da laboriosa, criteriosa e muito operativa edição crítica, que levou a cabo, juntamente com Joseph Piel, em 1980, dos *Livros Velhos de Linhagens*, e do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, este especialista brindou-nos com obras como *A Nobreza Medieval Portuguesa. A Família e o Poder*, publicada em 1981<sup>22</sup>, e *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*, saída à estampa no ano seguinte<sup>23</sup>.

Com estes trabalhos percebeu-se a hierarquização da mais antiga nobreza condal, nos seus tempos de pujança e decadência, como a ascensão de algumas famílias de infanções, da catego-

20. Como sínteses leiam-se, entre outros, Vilar, Hermínia. “História da Igreja Medieval em Portugal: um percurso possível pelas provas académicas (1995-2000)”. *Lusitania Sacra*, 13-14 (2001-2002): 569-581; Coelho, Maria Helena da Cruz. “O que se vem investigando em História da Igreja em Portugal em tempos medievais”. *Medievalismo. Boletín de la Sociedad Española de Estudios Medievales*, 16 (2006): 205-223; Vilar, Hermínia; Rosa, Maria de Lurdes. “The Church and Religious Pratics”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 323-347; Oliveira, Luís Filipe. “The Military Orders”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir., Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 425-457.

21. Sobre estas valências do monaquismo feminino, veja-se Coelho, Maria Helena da Cruz; Martins, Rui Cunha. “O monaquismo feminino cisterciense e a nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XIV)”. *Theologica*, 28/2 (1993): 481-506.

22. Mattoso, José. *A Nobreza Medieval Portuguesa. A Família e o Poder*. Lisboa: Editorial Estampa, 1981.

23. Mattoso, José. *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*. Lisboa: Guimaraes & Cª Editores, 1982.





ria intermédia da nobreza, ao mais alto patamar social e de poder dos ricos-homens. Mas, em consentâneo, revelaram-se-nos estruturas de parentesco e de famílias, políticas matrimoniais, estratégias de poder, ambientes culturais, alianças de corte e de Igreja, mecanismos de consolidação e perpetuação de memórias individuais e linhagísticas.

Esta corrente de estudos nobiliárquicos, que seduziu muito jovens investigadores no espaço nacional, de Luís Krus em Lisboa<sup>24</sup> a Leontina Ventura<sup>25</sup> e António Resende<sup>26</sup> em Coimbra e a José Augusto Pizarro<sup>27</sup> no Porto, para apenas citar alguns dos primeiros, teve e tem largo impacto na compreensibilidade da sociedade medieval e na composição dos grupos sociais. Nomes, famílias, parentesco<sup>28</sup>, mulher, casamento, poesia, cavalaria, paços, vassalos, oficiais, casa e vida senhorial ou de corte, poder e memória, morte e sepultura projectaram-se como algumas das temáticas emergentes e redimensionadas à luz de outros conceitos e metodologias da antropologia e sociologia, que rasgaram caminhos de interdisciplinaridade e transversalidade de abordagens e de saberes. Conheceram-se diversas casas senhoriais, como a de Bragança, a de Vila Real ou a do infante D. Henrique, e diversas linhagens, como as dos Coutinho, Melo, Meneses ou Pimentéis<sup>29</sup>, nos seus enredos e trajetórias familiares e nas suas estratégias e percursos políticos<sup>30</sup>.

Mas, em simultâneo, outros grupos sociais foram aclarados em muitos aspectos da sua vida quotidiana. Assim os judeus, a quem Maria José Ferro Tavares dedicou dois trabalhos fundamentais, um para o século XIV e outro para o XV<sup>31</sup>, que nos remeteram para a estrutura familiar, contexto habitacional e vida de relacionamento entre judeus e entre judeus e cristãos. Também

24. Krus, Luís. *A concepção nobiliárquica do espaço ibérico (1280-1380)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.

25. Ventura, Leontina. *A nobreza de corte de Afonso III*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1992.

26. Oliveira, António Resende. *Depois do espectáculo trovadoresco: a estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XII a XIV*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

27. Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Linhagens medievais portuguesas: genealogias e estratégias, 1279-1325*. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família, Universidade Moderna, 1999.

28. Ventura, Leontina. "A família e o léxico". *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, José Mattoso, dir., Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010: 98-125 e Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. "A família. Estruturas de parentesco e casamento", *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, José Mattoso, dir., Bernardo Vasconcelos e Sousa, coord. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010: 126-143.

29. Cunha, Mafalda Soares da. *Linhagem, parentesco e poder: a Casa de Bragança (1348-1483)*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1990; Campos, Nuno Silva de. *D. Pedro de Meneses e a construção da Casa de Vila Real (1415-1437)*. Lisboa: Edições Colibri, 2004; Sousa, João Silva de. *A casa senhorial do infante D. Henrique*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991; Oliveira, Luís Filipe. *A Casa dos Coutinho. Linhagem, espaço e poder (1360-1425)*. Cascais: Patrimonia, 1999; Cumbre, José Paiva. *Os Melo. Origens, trajetórias familiares e percursos políticos. (Séculos XII-XV)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1997; Sousa, Bernardo Vasconcelos e. *Os Pimentéis. Percursos de uma linhagem de nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XV)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

30. Um balanço destes estudos sobre a nobreza encontra-se em Mattoso, José; Ventura, Leontina; Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor; Sousa, Bernardo Vasconcelos "The Medieval Portuguese Nobility", *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir., Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 401-423.

31. Tavares, Maria José Pimenta Ferro. *Os judeus em Portugal no século XIV*. Lisboa: Guimarães & Cª Editores, 1979; Tavares, Maria José Pimenta Ferro. *Os judeus nos séculos XV*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1982.



pobres, doentes e marginais<sup>32</sup> se viram estudados por esta mesma historiadora<sup>33</sup> bem como por Baquero Moreno que analisou marginais, almocreves, viagens, viajantes e peregrinos, para além das temáticas do casamento ou da doença<sup>34</sup>, não sendo esquecidas pelos estudiosos a percepção das solidariedades assistenciais<sup>35</sup>.

Por isso duas obras de síntese sobre a história de Portugal, saídas nesta década de 80, puderam já contemplar alguns destes contributos historiográficos. José Mattoso, no livro *Identificação de um país*<sup>36</sup>, procurando responder à inquietação de perceber como é que “os homens viam o mundo e se organizavam para tentar dominar a realidade”, apresenta-nos o enquadramento senhorial ou concelhio do trabalho e dos trabalhadores ou do poder e dos poderosos, as estruturas de parentesco e familiares dos homens e a sua mentalidade, cultura, imaginários e sistemas de representação e memória. Por sua vez Oliveira Marques, continuando os seus gostos e percursos, na sua obra *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*<sup>37</sup> abre um capítulo sobre a vida quotidiana para escrever sobre a alimentação, o vestuário, a habitação, a saúde e a higiene, os divertimentos e o afecto nas centúrias finimievais.

### 3

Mas estas fecundas décadas de 80 e 90 da historiografia portuguesa colheram também as influências que lhe vieram do exterior. Desde logo, como já dissemos, o impacto renovador dos 5 volumes, publicados entre 1985 e 1987, da *Histoire de la vie Privé*, dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby, obra de pronto traduzida para português, entre 1989 e 1991, com revisão científica de Armando Luís de Carvalho Homem. E pouco tempo depois, a edição, em 1991-1992, dos 5 volumes da *Storia delle Donne*, dirigidos por Georges Duby e Michelle Perrot, traduzidos para português

32. E sobre esta temática não devemos esquecer os precoces trabalhos apresentados na reunião científica de 1959 “Para o estudo da Peste Negra em Portugal. Congresso Histórico de Portugal Medieval”, que foram publicados em *Bracara Augusta*, 14-15 (1963) (*Actas do Congresso Histórico de Portugal Medieval*, Braga: Câmara Municipal de Braga, 1963): 210-230 e *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média: actas das 1.ªs Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, Lisboa, 25-30 de setembro de 1972. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1973, 2 vols. Para um confronto do devir historiográfico sobre o assunto, remetemos para a última síntese de Duarte, Luís Miguel. “Marginalidade e marginais”, *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, coord., Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011: 170-196 e o balanço de estudos de Duarte, Luís Miguel. “When those on the margins took centre stage”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 499-511.

33. Estudos reunidos na obra de Tavares, Maria José Ferro. *Pobreza e morte em Portugal na Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

34. Vejam-se, entre outras obras e estudos, Moreno, Humberto Baquero. *Marginalidade e conflitos sociais em Portugal nos séculos XIV e XV. Estudos de História*. Lisboa: Editorial Presença, 1985; Moreno, Humberto Baquero. “A acção dos almocreves no desenvolvimento das comunicações inter-regionais portuguesas nos finais da Idade Média”, *O Papel das Áreas Regionais na Formação Histórica de Portugal. Actas do Colóquio*. Lisboa: Associação Portuguesa de História, 1975: 185-229; Moreno, Humberto Baquero. “A importância da almocrevaria no desenvolvimento dos concelhos durante a Idade Média”. *Vallis Longus, Actas das Primeiras Jornadas Culturais do Concelho de Valongo*, 1 (1985): 15-24; Moreno, Humberto Baquero. “O casamento no contexto da sociedade medieval portuguesa”. *Bracara Augusta*, 33/75-76 (1979): 145-173; Moreno, Humberto Baquero. “As peregrinações a Santiago e as relações entre o Norte de Portugal e a Galiza”, *Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela. (Actas)*. Lisboa: Távola Redonda: 75-83; Baquero, Humberto Moreno. “Exclusão e marginalidade social no Portugal quatrocentista”. *Ler História*, 33 (1997): 37-51.

35. Entre outros Coelho, Maria Helena da Cruz. “As confrarias medievais portuguesas: espaços de solidariedades na vida e na morte”, *Actas da XIX Semana de Estudos Medievais de Estella. Confradías, gremios, solidariedades en la Europa Medieval*. Estella: Gobierno de Navarra, 1993: 149-183.

36. Mattoso, José. *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal. 1096-1325*. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

37. Marques, Antonio Henrique de Oliveira. *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV (Nova História de Portugal)*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.





entre 1993-1995, com revisão científica de Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota.

Diga-se, porém, que, quanto ao tema do passado das mulheres, os historiadores portugueses estavam atentos, até porque a Revolução de Abril os desafiava e comprometia. O Instituto de História Económica e Social da Faculdade de Letras de Coimbra levou a cabo, entre 20 e 22 de Março de 1985, um Colóquio sobre *A mulher na Sociedade Portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*, tendo os seus dois volumes de Actas sido publicados logo no ano seguinte<sup>38</sup>. E o Presidente da Comissão Organizadora, o Doutor António de Oliveira, dizia ao abrir o Colóquio:

*O historiador é filho do seu tempo e o tempo coevo é de mutação e de confronto ideológico. A historiografia contemporânea não podia, por isso, manter-se à margem das reivindicações das mulheres, assumindo uma atitude de silêncio. Nem tão-pouco podia deixar de atentar num dos resultados da nova história social, a qual já havia descoberto a mulher, mas não propriamente a condição feminina, pela via interdisciplinar de outras ciências humanas e sociais.*

Neste contexto evocava a convergência da Demografia História, da Sociologia Histórica, da Antropologia Social para que *através de novos conceitos operatórios, o protagonismo das mulheres no devir histórico deixe (asse) de permanecer oculto e invisível pela eloquência do silêncio*<sup>39</sup>. E na verdade depois destes alarmes internos e externos multiplicaram-se os estudos de história das mulheres e em seguida de história de género, ao longo de todas as épocas, ainda que com uma maior relevância para a época contemporânea. Dos tempos medievais resgataram-se protagonismos individuais de rainhas, infantas, suseranas, diplomatas, de mulheres nobres ou de outros estratos sociais, de mulheres no século ou em religião, de mulheres anónimas no trabalho dos campos ou das cidades, de mulheres que foram esposas, mães e filhas, de mulheres legitimadas pelo casamento ou vivendo em concubinato ou mancebia, de mulheres de boa ou de má fama<sup>40</sup>.

No desaguar destes estudos, ainda que mesclados com outros contributos historiográficos, chegou-nos por fim uma tese de doutoramento, defendida em 2004, e publicada três anos depois, sobre *A criança na sociedade medieval portuguesa*<sup>41</sup>. Estruturada em capítulos muito sugestivamente intitulados Nascer, Crescer, Aprender, Proteger, Adoecer, Morrer e Amar, ela resgata-nos, como já escrevemos, quadros de tempos e espaços que nos remetem para as alegrias de nascimentos infantis ou para dolorosas amarguras das suas perdas, para a ambiência natural do crescimento e da educação das crianças, para os rituais de baptismo ou de outros cerimoniais que as protegiam, para sentimentos de amor e afectos familiares ou, mais sombriamente, para as doenças que as atacavam

38. Publicadas em Coimbra, Instituto de História Económica e Social-Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986. Aí se encontram, para os tempos medievais, estudos de José Mattoso, Maria Helena da Cruz Coelho, Leontina Ventura, Maria Ângela V. da Rocha Beirante, Amélia Aguiar Andrade, Irene Freire Nunes, António Resende de Oliveira, José Galdes Freire, Maria Alegria Fernandes Marques, Isaiás da Rosa Pereira, Salvador Dias Arnaut e Humberto Baquero Moreno.

39. Oliveira, António de. "A apresentação", *A Mulher na Sociedade Portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais*. Coimbra: Instituto de História Económica e Social-Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986: 10, 11.

40. Um balanço do protagonismo da mulher em tempos medievais apresentam Oliveira, Ana; Rodrigues, António Rescende de. "A Mulher", *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, Mattoso, José dir. Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011: 300-323. A síntese da produção historiográfica sobre o tema é desenvolvida por Silva, Manuela Santos; Rodrigues, Ana Maria S.A. "Women's and Gender History", *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 483-497.

41. Oliveira, Ana Rodrigues. *A criança na sociedade medieval portuguesa*. Lisboa: Teorema, 2007.



e que tantas vezes as arrebatavam desta vida terrena<sup>42</sup>. Percebe-se bem como esta obra é já um ponto de chegada e de confluência de múltiplos estudos sobre a vida quotidiana e a vida privada<sup>43</sup>.

Mas, a par das mulheres, a composição social medieval continuou a alargar-se em novos matices e conhecimentos, na historiografia actual. Maria Filomena Barros debruçou-se com profundidade, na sua tese de doutoramento, sobre a minoria muçulmana do século XII ao XV, percorrendo o seu processo evolutivo, a sua estrutura e comportamento populacional, as suas comunas, os seus bens e actividades económicas, a sua hierarquização social e vectores de sociabilização. Mas estudou os tempos e espaços dos mouros numa abordagem antropológica, pensando as identidades e as alteridades, as etnicidades e as aculturações que atravessaram este grupo social. Tomando como fio condutor do seu trabalho a vontade de saber “se as conotações culturais dos muçulmanos divergem ou, pelo contrário, convergem com as da demais sociedade portuguesa medieval”<sup>44</sup>.

No Porto, a tese de mestrado de Sérgio Ferreira versou sobre a equação dos preços de muitos bens e matérias-primas e dos salários da população rural e urbana de artesãos e pequenos comerciantes, abrindo pistas para alcançar consumos e níveis de vida<sup>45</sup>. E ainda mais recentemente Arnaldo de Melo<sup>46</sup> debruçou-se sobre os mesteres e mesterais no contexto urbano portuense, aclarando as formas e modalidades de associação profissional, confraternal, assistencial e política deste grupo social.

Entretanto Luís Miguel Duarte no seu trabalho maior sobre a justiça e a criminalidade, estudando a justiça e a lei, o crime e a desordem, o castigo e o perdão, pintou-nos, com toda a solidez, o quadro de sombras do viver social, nos actos e actores individuais e colectivos da violência, da agitação, do alvoroço, dando-nos a perceber os medos de malfeteiros, marginais ou bandos, que perturbavam o comum dia a dia do homem medieval<sup>47</sup>.

Como não poderemos esquecer que o significativo avanço e renovado questionamento metodológico e interpretativo da história militar, nos tem dado a conhecer, em contextos de um quotidiano bélico, para além das questões do recrutamento de homens, do equipamento de armas e da cobrança de impostos extraordinários, os problemas do alojamento e abastecimento dos exércitos, a fome e a sede de lugares cercados, o cenário de destruição dos campos e das cidades no rasto da guerra ou até mesmo as crenças e devoções, a ética militar, os comportamentos e a coragem ou o medo dos homens em operações militares<sup>48</sup>.

42. Leia-se Coelho, Maria Helena da Cruz. “Prefácio”, *A criança na sociedade medieval portuguesa...*: 6.

43. Veja-se ainda a síntese da temática em Oliveira, Ana Rodrigues. “A criança”, *História da vida privada em Portugal, A Idade Média*. José Mattoso, dir. Bernardo Vasconcelos e Sousa, coord. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010: 260-299.

44. Barros, Maria Filomena Lopes de. *Tempos e espaços de mouros. A minoria muçulmana no reino português. (Séculos XII a XV)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007: 26. Para balanços da produção historiográfica portuguesa sobre islamismo, moçárabes e minorias étnico-religiosas consulte-se Fernandes, Hermenegildo; Rei, António. “Islam and Mozarabs”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 547-569; Barros, Maria Filomena Lopes de. “Ethno-Religious Minorities”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 571-589.

45. Ferreira, Carlos Sérgio. *Preços e salários em Portugal na Baixa Idade Média*. Porto: Universidade deo Porto (Dissertação de Mestrado), 2007.

46. Melo, Arnaldo Rui Azevedo. *O trabalho e a produção em Portugal na Idade Média. O Porto c. 1320-c.1415*. Braga: Universidade do Minho, 2009.

47. Duarte, Luís Miguel. *Justiça e criminalidade no Portugal Medieval (1459-1480)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Fundação para a Ciência e Tecnologia, 1999.

48. Monteiro, João Gouveia. *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998; Martins, Miguel António Gomes. *Para Bellum. Organização e Prática da Guerra em Portugal durante a Idade Média (1245-1367)*. Coim-



Mas haverá ainda que ter em conta o desenvolvimento de algumas outras temáticas neste âmbito da historiografia do quotidiano e também do privado.

Destaque-se, desde logo, a história da morte<sup>49</sup>. Hermínia Vilar apresentou como dissertação de mestrado, publicada em 1995, um trabalho sobre *A vivência da morte no Portugal medieval. A Estremadura Portuguesa (1300 a 1500)*<sup>50</sup>. No seguimento de obras pioneiras, como a de Vovelle, Philippe Ariès, Jacques Chifolleau e Marie-Thérèse Lorcin<sup>51</sup> prendeu-se ao estudo profundo das últimas vontades de alguns homens e mulheres de Coimbra, Santarém e Torres Vedras. Tomando os testamentos como fonte principal, neles procurou desvendar a preocupação com a salvação individual, traduzida nos ritos de passagem, entrevedo a projecção do Além do homem medieval, ou os cuidados com a sepultura e a perpetuação da memória. Mas não menos, atendendo à repartição das riquezas dos testadores, procurou conhecer suassolidariedades materiais e espirituais com familiares, amigos, clientelas e servidores, com pobres e doentes, com casas de assistência ou com instituições religiosas.

E logo um ano depois, José Mattoso reunia na obra *O reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*<sup>52</sup> trabalhos da sua autoria e de outros jovens investigadores que aprofundavam o pensamento escatológico medieval e a ritualidade e imaginário da morte, percorrendo outras e variadas fontes, dos sínodos e regras monásticas às crónicas, poesia, e patrística.

E já no século XXI, Maria de Lurdes Rosa retomou este objecto de trabalho na sua tese de doutoramento sobre a fundação das capelas fúnebres e a afirmação da alma como sujeito de direito<sup>53</sup>. Todavia, na senda da transversalidade dos saberes, os contributos de arqueólogos sobre a sepulturas e ritos de incineração ou inumação ou de antropólogos sobre a paleobiologia têm-nos dado a conhecer múltiplas patologias que desvendam marcas de trabalho, de alimentação, de idade e de acontecimentos da vida ou ritos funerários e crenças no Além<sup>54</sup>.

Por sua vez Mário Barroca, na sua tese de doutoramento, ao estudar a relação entre a epigrafia e a morte através dos epitáfios, que igualmente publica, revela-nos, pelos signos escritos e artísti-

bra: Universidade de Coimbra, 2007; Barata, Manuel Themudo; Teixeira, Nuno Severiano, dirs. *Nova História Militar de Portugal*, dirs. Manuel Barata, Nuno Teixeira. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003: I. Para o conhecimento da historiografia sobre a temática leia-se Martins, Miguel; Monteiro, João Gouveia. "The Medieval Military History", *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 459-481.

49. Sobre este tema destaque-se, como bem precoces, os estudos de Martins, Mário. *Introdução histórica à vivência do tempo e da morte*. Braga: Livraria Cruz, 1969.

50. Vilar, Hermínia. *A vivência da morte no Portugal medieval. A Estremadura Portuguesa (1300 a 1500)*. Redondo: Patrimonia, 1995.

51. Leia-se o contexto historiográfico em que a autora situa a sua obra (Vilar, Hermínia. *A vivência da morte no Portugal medieval...*: 21-33).

52. Mattoso, José. *O reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1996.

53. Rosa, Maria de Lurdes. "As almas herdeiras", *Fundação das capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de direito (Portugal. 1400-1521)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa, 2005. O tema da morte foi também evocado por Rosa, Maria de Lurdes. "A morte e o Além", *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, coord., Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011: 402-417.

54. Entre outros leia-se, Barroca, Mário Jorge. *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro e Minho (século V a XV)*. Porto: Universidade do Porto (Dissertação de Maestrado), 1987; Barroca, Mário Jorge. "Cenas de passatempo e lamentação na escultura funerária medieval portuguesa (séc. XIII a XV)". *Revista da Faculdade de Letras*, 2/14 (1997): 657-686; Cunha, Eugénia Maria Quedes Pinto Antunes da. *Paleobiologia das populações medievais portuguesas: os casos de Fão e S. João de Almedina*. Coimbra: Universidade de Coimbra (tese de doutoramento), 1994.



cos, a fé de muitos cristãos numa outra vida para além da morte, mas não menos a vontade de se perpetuarem no mundo terreno<sup>55</sup>.

Em consentâneo os muitos trabalhos dos historiadores de arte, de maior ou menor fôlego, sobre tumularia, sugerem-nos propostas aliciantes de leitura da gramática plástica plasmada em arcas ferais e jacentes. A descodificação iconográfica de esculturas, pinturas, heráldica, símbolos e signos que nelas se materializam deixa-nos perceber mais profundamente o pensamento escatológico do homem medieval, as suas marcas identitárias e individualizadoras de vida e de família e o seu desejo de vencerem o aniquilamento da morte, projectando-se numa memória individual e linhagística para as gerações a haver, pela perenidade dos séculos<sup>56</sup>.

Mais amplamente redimensionou-se o conhecimento da espiritualidade e dos comportamentos religiosos medievais da clerezia, mas, como maior novidade, também do laicado, e estudaram-se ideais e modelos de santidade de homens e mulheres, percebendo a evolução das mentalidades religiosas ao longo dos séculos. Estas linhas das vivências espirituais e devocionais da sociedade medieval plasmaram-se no primeiro volume da obra colectiva, saída em 2000, *História Religiosa de Portugal* e no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*<sup>57</sup>.

No contraponto também algumas facetas da vida material do dia a dia do homem medieval tiveram relevantes desenvolvimentos para o que contribuiu uma operatória interdisciplinar convocando a metodologia e avanços científicos de diversas ciências sociais e humanas e muito em particular uma maior afirmação da arqueologia medieval.

Temática de grande sucesso foi a da alimentação e mesa medievais. Na sequência de um trabalho pioneiro de Salvador Dias Arnaut, historiadoras como Iria Gonçalves, Maria José Santos e Maria Helena Coelho<sup>58</sup>, a par de muitos outros estudiosos, escreveram sobre alimentos, do pão ao vinho, da carne ao pescado, dos legumes à fruta, e dieta alimentar medieva, sobre a cozinha e a preparação das refeições, sobre gostos e modas culinárias, sobre livros de receita e de dietética, sobre o oficialato da cozinha, sobre os enquadramentos rurais ou urbanos da alimentação dos grupos sociais. A mesa desvendou-se, conhecendo-se baixelas e servidores, a par da cerimonialização, da etiqueta e dos rituais da mesa. Discorreu-se sobre as refeições do comum quotidiano ou dos banquetes festivos, ou ainda sobre a projecção artística e literária da arte da mesa. Por isso se pôde dar

55. Barroca, Mário Jorge. *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000: I e II; Barroca, Mário Jorge. "Memórias", *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, coord., José Mattoso, dir. Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011: 418-456.

56. São muitas as obras e artigos sobre tumularia. Uma síntese se apercebe em alguns capítulos dedicados ao assunto em *História de Arte Portuguesa*, Pereira, Paulo, dir. Lisboa: Temas e Debates, 1995: I, II.

57. Jorge, Ana Maria C. M.; Rodrigues, Ana Maria S.A., coords. *Formação e Limites da Cristandade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000 de *História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos A. Moreira Azevedo. (dir.): I. A espiritualidade medieval é genericamente abordada por Rosa, Maria de Lurdes. "Sagrado, devoções e religiosidade", *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, José Mattoso, dir., Bernardo Vasconcelos e Sousa, coord. Lisboa: Círculo de Leitores: 376-401.

58. Arnaut, Salvador Dias. *A arte de comer em Portugal na Idade Média (Introdução a "O Livro de Cozinha" da Infanta D. Maria de Portugal)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986; Gonçalves, Iria. "Acerca da alimentação medieval". *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 4/2 (1978): 441-458; Gonçalves, Iria. "A alimentação", *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, José Mattoso, dir. Bernardo Vasconcelos e Sousa, coord. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011: 226-259; Santos, Maria José Azevedo. *A Alimentação em Portugal na Idade Média. Fontes. Cultura. Sociedade*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1997; Santos, Maria José Azevedo. *Jantar e ceiar na corte de D. João III*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura-Palimage Editores, 2002; Coelho, Maria Helena da Cruz. "Apontamentos sobre a comida e a bebida do campesinato coimbrão em tempos medievais", *Homens, Espaços e Poderes. Séculos XI-XV. Notas do viver social*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990: I, 9-22; Coelho, Maria Helena da Cruz. "Ao correr do vinho. Governança e desgovernança dos homens". *Portefólio*, 1 (2005): 112-121.



à estampa, no início da década em que vivemos, a obra colectiva *A mesa dos Reis de Portugal*<sup>59</sup>, que abrange os tempos medievais e modernos e percorre itinerários como a “Casa e ofícios da mesa”, “A mesa dos reis. Espaços, Objectos e utências”, “Os reis à mesa: cerimónias e etiquetas”, “Os alimentos”, “Imagens e representações da mesa”. Mas refira-se, também, que muito se tem acentuado a intercorrência entre os hábitos alimentares e as religiões, perscrutando-se os preceitos alimentares de certas regras monásticas ou os dias gordos e magros, de carne ou pescado, de jejum e abstinência de todos os cristãos, a par dos preceitos alimentares dos crentes muçulmanos e judeus<sup>60</sup>.

Correlativamente, o espaço habitacional dos nossos antepassados ficou melhor apreendido, tendo os historiadores recebido o apoio de arquitectos e arqueólogos. Maria da Conceição Falcão, Sílvio Conde, Luísa Trindade<sup>61</sup> oferecem-nos estudos que incidem sobre a construção corrente, sobretudo em meios urbanos, desde os seus materiais, dimensões, compartimentação, espacialidade ou valor material e de prestígio. Já o historiador de arte José Custódio Vieira da Silva aprofundou a temática dos paços régios e nobres<sup>62</sup> e igualmente Mário Barroca, com contributos arqueológicos muito significativos, se tem dedicado às residências senhoriais, muitas de las fortificadas<sup>63</sup>. E a partir destes trabalhos percebemos melhor como a gente mais simples se acomodaria numa câmara, dominada pela presença do fogo, a um tempo calor e luz, onde comeriam e dormiriam, enquanto os de maiores posses, habitando em casas sobradadas ou até em paços, disfrutariam de outros requintes de cozinhas em separado até com chaminés, de salas para refeições e de câmaras privadas para dormir e para outros afazeres domésticos e mesmo ainda de espaços específicos de higiene.

A par da comida e da casa também as roupas e o vestuário têm continuado a estudar-se, a partir dos conhecimentos dos tecidos, primeiro estudados pelas fontes escritas e hoje em dia também apercebidos graças às ciências e técnicas da conservação e restauro e da pormenorizada reconstituição do traje através da literatura e da pintura<sup>64</sup>.

59. Buescu, Ana Isabel; Felismino, David, coords. *A Mesa dos reis de Portugal. Ofícios, consumos, cerimónias e representações (séculos XIII-XVIII)*. Lisboa: Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2011.

60. Sobre a mesa e os alimentos do século XII ao XVI deparamos com estudos de Rita Costa Gomes, Ana Maria S. A. Rodrigues, Isabel dos Guimarães Sá, Iria Gonçalves, Ana Isabel Buescu, Maria José Palla, Maria Adelaide Miranda e Luís Correia de Sousa.

61. Entre outros, Ferreira, Maria da Conceição Falcão. “Habitação popular urbana, no Norte de Portugal Medieval: uma tipologia? Ou um modo de construir?”. *Cadernos do Noroeste*, 15/1-2 (2001): 381-432; Conde, Manuel Sílvio Alves. “Sobre a casa urbana do centro e Sul de Portugal nos fins da Idade Média”. *Arqueologia Medieval*, 5 (1997): 243-265; Conde, Manuel Sílvio Alves. “A Casa”, *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, José Mattoso, dir. Bernardo Vasconcelos e Sousa, coord., Lisboa: Círculo de Leitores, 2011: 54-77; Trindade, Luísa. *A casa corrente em Coimbra. Dos finais da Idade Média aos inícios da época moderna*. Coimbra: Câmara Municipal, 2002.

62. Silva, José Custódio Vieira da Vieira da. *Os Paços Medievais Portugueses*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1995; Silva, José Custódio Vieira da. “O Paço”, *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, Bernardo Vasconcelos e Sousa, coord. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011: 78-97.

63. Barroca, Mário Jorge. “Em torno da residência senhorial fortificada. Quatro torres medievais na região de Amares”. *Revista de História*, 9 (1989): 9-53; Barroca, Mário Jorge. “Torres, Casas-Torres ou Casas Fortes. A concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (séculos XII-XV)”. *Revista de História das Ideias*, 19 (1997): 39-103. Os avanços da arqueologia medieval portuguesa, nos mais diversos campos, é desenvolvido por Fernandes, Isabel Cristina; Macias, Santiago. “Islamic and Christian Medieval Archaeology”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 153-177.

64. Entre outros, Ferreira, Maria da Conceição Falcão. “Roupas de cama e roupas de corpo nos testamentos de Guimarães (1250-1300)”. *Revista da Faculdade de Letras*, 2/14 (1997): 33-63; Coelho, Maria Helena da Cruz. “Homens e Negócios”, *Ócio e Negócio*. Coimbra: Inatel, 1998: 127-202; Palla, Maria José. *Do essencial e do supérfluo, estudo lexical do traje e adornos em Gil Vicente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992; Palla, Maria José. *Traje e pintura. Grão Vasco e o retábulo da Sé de Viseu*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999; Palla, Maria José. *Trilogia Vicentina. Léxico do Traje e Adornos no Teatro de Gil Vicente*.



Relevantes contributos dos estudos literários e artísticos, mormente na iconografia<sup>65</sup>, têm permitido ainda renovados avanços na história do corpo, da sexualidade, dos gestos, das culturas e das mentalidades em tempos medievais, tendo mesmo José Mattoso leccionado seminários e dirigidos estudos pós-graduados sobre estas matérias<sup>66</sup>.

Se muito precocemente Mário Martins estudou a sátira, o riso, a paródia, as alegorias e os símbolos na literatura medieval, como ainda antes percorrera caminhos de peregrinação e milagres<sup>67</sup>, Luís Krus e outros continuaram a explorar a sátira sexual, o culto das relíquias, a vivência do tempo e a representação do espaço<sup>68</sup>. Igualmente os participantes no encontro sobre o corpo e o gesto na civilização medieval desmultiplicaram as linhas de abordagem destes temas, percorrendo corpos e gestos, fixados em nomes, romances, tratados ou tapeçarias; atentando na sacralidade dos gestos ou na ritualidade do corpo cadenciado pela música e pela dança; ou captando linguagens, alegorias e símbolos de corpos, gestos, risos e escárnios na lírica e obras doutrinárias de tempos medievais<sup>69</sup>.

Da mesma forma, dando continuidade à marcante *História da Cultura em Portugal* de António José Saraiva<sup>70</sup>, os estudos têm-se diversificado em temas como a poesia trovadoresca, a cronística, os romances de cavalaria, as hagiografias e livros de milagres, os livros de horas, os manuais de confissão, permitindo reconstituir ambientes culturais palacianos e cortesãos a par de ensinamentos de doutrina que, pela pregação do clero, chegavam a toda a comunidade dos fiéis, impondo modelos e códigos de crença, devoção e moral, que moldavam os comportamentos sociais e religiosos<sup>71</sup>.

---

Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2006; Sequeira, Joana. *Produção têxtil em Portugal nos Finais da Idade Média*. Porto-Paris: Faculdade de Letras da Universidade do Porto-École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2012.

65. Os avanços nestes estudos espelham-se nos catálogos: Miranda, Maria Adelaide; Nascimento, Aires Augusto, coords. *A Iluminura em Portugal. Identidade e Influências*. Lisboa: Ministério da Cultura-Biblioteca Nacional, 1999; Nascimento, Aires Augusto, coord. *A Imagem do Tempo. Livros Manuscritos Ocidentais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

66. Como sínteses leiam-se os capítulos de Mattoso, José. “O corpo, a saúde e a doença”, e Oliveira, António. “A sexualidade”, both in *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, José Mattoso, ed., Bernardo Vasconcelos e Sousa coord., Lisboa: Círculo de Leitores, 2011: 348-374 e 324-347 respectivamente.

67. Martins, Mário. *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1951; Martins, Mário. *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa*. Lisboa: Edições Brotéria, 1975; Martins, Mário. *A sátira na literatura medieval portuguesa (séculos XIII-XIV)*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977; Martins, Mário. *O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa quatrocentista*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

68. Krus, Luís. “Celeiro e relíquias: o culto quatrocentista dos Mártires de Marrocos”. *Studium Generale. Estudos Contemporâneos do passado medieval. Textos inéditos e publicados*. Lisboa: 6 (1984): 21-42; Krus, Luís. “A vivência medieval do tempo”, *A construção do passado medieval. Textos inéditos e publicados*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011; Krus, Luís; Pimenta, Berta Martinha; Parres, Leonardo. “Dos aspectos da Sátira nos cancioneiros Galaico-portugueses. Sodomífticos e Cornudas”. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 4/2 (1978): 113-128.

69. Buescu, Ana Isabel; Sousa, João Silva de; Miranda, Maria Adelaide, coords. *O corpo e o gesto na civilização medieval*. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

70. Saraiva, António José. *História da Cultura em Portugal*. Lisboa: Jornal do Fôro, 1950-1952.

71. Veja-se o desenvolvimento historiográfico destas temáticas em Amado, Teresa, dir.; Correia, Ângela; Sobral, Cristina; Videira, Graça. “The study of Literary Texts”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 87-109; Ferreira, Manuel Pedro. “Medieval Music in Portugal within its interdisciplinary”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 111-129; Botelho, Maria Leonor. “The study of Medieval Art”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 131-151; Meirinhos, José Francisco. “Intellectual History and the Scholars”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011: 349-379; Oliveira, António. “Literary and Historiographical Production”, *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, José Mattoso, dir. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, eds. Lisboa: Instituto de Estudos Me-





Igualmente se têm estudado — e enumeraremos tópicos para não mais nos alongarmos — a antroponímia masculina e feminina, decomposta no nome próprio, no patronímico ou nas alcunhas, de gente do campo ou da cidade, em que se destacam os estudos de Iria Gonçalves<sup>72</sup>, como não menos se tem atentado nos jogos, nos divertimentos, na festa e na convivialidade<sup>73</sup>.

Mais uma vez fazendo eco de muitos destes enfoques, reuniram-se em 2004 na obra *Estudos Medievais. Quotidiano Medieval: Imaginário, Representação e Práticas*<sup>74</sup> vários estudos que, recorrendo a múltiplas fontes — poesia dos Cancioneiros, lírica em louvor da Virgem, documentação avulsa, receitas culinárias, iluminuras, brinquedos de cerâmica e esqueletos humanos — e operando com metodologias actualizadas mas diversas, iluminaram aspectos concretos do quotidiano ou dos pressupostos ideológicos que o condicionavam. Por eles se apreende, como escreve a prefaciadora da obra “o ser humano, dividido entre o corpo e o espírito, entre o sagrado e o profano, entre a norma e o desvio, entre a representação e a realidade. Aspectos fundamentais como a sexualidade e o erotismo, a alimentação e o lazer, a doença, a devoção religiosa são elucidados, mas sempre tendo presente que estavam condicionados, nas suas formas e interpretações, pela hierarquia social predominante e pelas concepções em vigor sobre a natureza, o homem e Deus”<sup>75</sup>.

Assim, na confluência dos estudos portugueses das temáticas do quotidiano e do privado chegamos, nos nossos dias, ao estudo das biografias.

Biografias de reis, rainhas, infantas e infantes a par de reconstituições de cortes régias em diversos tempos medievais. Se as biografias de todo e qualquer homem ou mulher com notoriedade social, seja ela de que natureza for, estão na moda, o certo é que a biografia, como género historiográfico, arranca com bases científicas sólidas no nosso país neste dealbar do século XXI, como que coroando o impulso e enredo dos vários fios da história que se foram percorrendo nos finais da centúria anterior. E as biografias, narrando o percurso de um homem ou de uma mulher, seja no plano individual, seja no colectivo e social, são um tema de eleição para a convergência das análises

---

dievais, 2011: 381-398. Lanciani, Giulia; Taviani Giuseppe, coords. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

72. Gonçalves, Iria. “Amostra de antroponímia alentejana do século XV”. *Do Tempo e da História*, 4 (1971): 173-212; Gonçalves, Iria. “Do uso do patronímico na Baixa Idade Média”, *Carlos Alberto Ferreira de Almeida-In Memoriam*, Mário Jorge Barroca, coord. Porto: Faculdade de Letras, 1999: I, 347-363; Gonçalves, Iria. “Entre o masculino e o feminino: sistemas de identificação em finais do século XV”, *Em Louvor da Linguagem. Homenagem a Maria Leonor Carvalhão Buescu*. Maria Fernanda Abreu, Maria Adelina Resina Rodrigues, Maria Leonor Machado de Sousa, dir. Lisboa: Edições Colibri, 2003: 141-158; Gonçalves, Iria. “O corpo e o nome-o nome e o gesto (notas de antroponímia medieval)”, *O corpo e o gesto na civilização medieval*, Ana Isabel Buescu, João Silva de Sousa, Maria Adelaide Miranda, coords. Lisboa: Edições Colibri, 2006: 39-56; Gonçalves, Iria. “O nome”, *História da Vida Privada em Portugal. Idade Média*, José Mattoso, dir. Bernardo Vasconcelos e Sousa, coord. Lisboa: Círculo de Leitores: 198-225.

73. Campos, Flávio; Mattoso, José, dir. “Yogos e temática lúdica em Portugal no final da Idade Média”, *BUCEMA Bulletin du Centre d'Études médiévales d'Auxerre, Hors-Série*, n° 2, 24 January 2008. 16 December 2014. <<http://cem.revues.org/9492>>; Coelho, Maria Helena da Cruz. “Festa e Sociabilidade na Idade Média”, *Ócio e Negócio*. Coimbra: Inatel, 1998: 47-84; Coelho, Maria Helena da Cruz. “A festa- a convivialidade”, *História da Vida Privada em Portugal. Idade Média*, José Mattoso, dir., Bernardo Vasconcelos e Sousa, coord. Lisboa: Círculo de Leitores: 144-169; Alves, Ana Maria. *As entradas régias portuguesas. Uma visão de conjunto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986; Gonçalves, Iria. “As festas do Corpus Christi do Porto na segunda metade do século XV: participação do concelho”. *Estudos Medievais*, 4-5 (1985): 3-23; Gomes, Rita Costa. “Sobre a festa e o rito na corte medieval”. *Cadernos do Noroeste*, 9/2 (1996): 9-22; Oliveira, Belmira Fernanda Gonçalves de. “Os serões reais na Idade Média”. *Cadernos do Noroeste*, 9/2 (1996): 121-156; Rodrigues, Ana Maria S.A. “Contributo para o estudo das festas na Idade Média Portuguesa”. *Cadernos do Noroeste*, 9/2 (1996): 103-120; Tavares, Maria José Ferro. “A festa, uma ruptura no quotidiano do homem medieval”. *Revista Portuguesa de História*, 31/1 (1996): 131-155.

74. Andrade, Amélia Aguiar; Silva, José Custódio Vieira da, coords. *Estudos Medievais. Quotidiano Medieval: Imaginário, Representação e Práticas*, Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

75. Andrade, Amélia. “Nota Liminar”, *Estudos Medievais. Quotidiano Medieval...: 10*.



de vida do dia a dia ou dos acontecimentos únicos e irrepetíveis, de tempos comuns ou extraordinários de festa ou de dor, como não menos para a percepção de ambientes e relações íntimas e privadas ou de espaços e protagonismos públicos.

Rita Costa Gomes, na sua tese *A Corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*, defendida em 1994<sup>76</sup>, para além de nos fazer conhecer, homens, espaços e serviços cortesãos, deu vida aos usos e cerimonial da corte em tempos de quotidiano, de grandes cerimónias ou de ritos ocasionais. Por sua vez Maria Alegria Fernandes Marques e João Soalheiro, ao estudarem a corte dos três primeiros reis de Portugal,<sup>77</sup> atentaram nos seus familiares e servidores, na sua itinerância e paços, mas, muito especialmente, equacionaram o quadro da mesa do rei e os da moda, distrações e cultura da corte.

De igual modo todos os historiadores que escreveram as biografias dos reis de Portugal da primeira e segunda dinastia, editadas pelo Círculo de Leitores<sup>78</sup>, bem para além da inserção familiar e cortesã dos mesmos, procuraram desvendar linhas de afectividades com os parentes próximos ou mais longínquos, apreender sentimentos amorosos legítimos ou ilegítimos, descobrir traços de cumplicidade e amizade com vassallos, oficiais e servidores fiéis ou de ódio e vingança com opositores e inimigos. Muitos deles ilustraram ainda as facetas do seu quotidiano mais itinerante ou sedentário, em paços, castelos ou mosteiros, acercando-se do serviço de câmara, de mesa e de capela, percebendo os gostos, as modas, as distrações e a cultura da corte, ou deixaram entrever cerimoniais e dias mais festivos de comemorações de feitos militares e políticos, de nascimentos, casamentos ou mortes da família real, de entradas e procissões régias, de actos e mecanismos de propaganda e legitimação da realeza. Todos se debruçaram sobre a morte do rei e alguns sobre as suas doenças físicas ou psicológicas, atentando não menos nas suas últimas vontades testamentárias, na sua sepultura e nos actos e vontade de perpetuação da sua memória.

Saindo à estampa na mesma colecção a biografia das rainhas e algumas infantas<sup>79</sup>, ainda mais se aprofundou toda esta carga de sentimentos, não deixando os seus autores e autoras de revelar o papel feminino das biografadas como filhas, esposas ou mães a par do seu múnus próprio de cabeça e modelo de donzelas e donas da corte, de senhoras e suseranas, de agentes de influências e da

76. Gomes, Rita Costa. *A Corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: Difel, 1995.

77. Marques, Maria Alegria; Soalheiro, João, eds. *A Corte dos primeiros reis de Portugal. Afonso Henriques, Sancho I, Afonso II*. Gijón: Ediciones Trea, 2009.

78. Mattoso, José. *D. Afonso Henriques*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006; Branco, Maria João Violante. *D. Sancho I. O filho do Fundador*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006; Vilar, Hermínia. *D. Afonso II. Um rei sem tempo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005; Fernandes, Hermenegildo. *D. Sancho II. Tragédia*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006; Ventura, Leontina. *D. Afonso III*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006; Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *D. Dinis*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005; Sousa, Bernardo Vasconcelos e. *D. Afonso IV (1291-1357)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005; Pimenta, Cristina. *D. Pedro I*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005; Gomes, Rita Costa. *D. Fernando*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005; Coelho, Maria Helena da Cruz. *D. João I, que re-colheu Boa Memória*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005; Duarte, Luís Miguel. *D. Duarte. Requiem por um rei triste*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005; Gomes, Saul António. *D. Afonso V. O Africano*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006; Fonseca, Luís Adão da. *D. João II*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

79. Amaral, Luís Carlos; Barroca, Mário Jorge. *A condessa-rainha. Teresa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012; Marques, Maria Alegria Fernandes; Dias, Nuno Pizarro; Nogueira, Bernardo de Sá; Varandas, José; Oliveira, António Resende de. *As primeiras rainhas. Mafalda de Mouriana, Dulce de Barcelona e Aragão, Urraca de Castela, Mecia Lopes de Haro, Beatriz Afonso*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012; Andrade, Maria Filomena. *Rainha Santa, mãe exemplar. Isabel de Aragão*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012; Menino, Lourenço; Costa, Adelaide Pereira Millán de. *A rainha, as infantas e a aia. Beatriz de Castela, Branca de Castela, Constança Manuel, Inês de Castro*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012; Baleiras, Isabel de Pina. *Uma Rainha Inesperada. Leonor Teles*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012; Silva, Manuela Santos. *A rainha inglesa de Portugal. Filipa de Lencastre*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012; Rodrigues, Ana Maria, S.A. *As Tristes Rainhas. Leonor de Aragão. Isabel de Coimbra*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012; Sá, Isabel dos Guimarães. *De Princesa a Rainha-Velha. Leonor de Lencastre*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.



diplomacia no concerto político interno e externo, de promotoras de obras sociais e de bem comum pela prática da caridade e protecção aos mais desvalidos e do apoio às instituições confraternais, assistenciais e religiosas.

E também nas duas colecções mais sintetizadas de biografias de reis, rainhas e infantas, patrocinadas pela Academia Portuguesa da História, recorrentemente se encontram ecos da vida quotidiana e privada dos biografados<sup>80</sup>.

Estamos pois, nesta segunda década do século XXI, num ponto de chegada nos estudos da vida quotidiana e privada, ancorados no desenvolvimento de várias temáticas da historiografia medieval portuguesa. Claramente se evidencia que estas facetas de menor notoriedade ou menos visíveis do passado dos homens e das mulheres dos tempos medievais se foram revelando pela multiplicidade e cruzamento das fontes —das escritas, documentais ou literárias, às arqueológicas e artísticas— e pelo aprofundamento e alargamento de horizontes, graças a estudos transversais e interdisciplinares que apelaram aos saberes de diversas ciências sociais e humanas como ainda das ditas ciências exactas. Não nos parece que o tema esteja esgotado.

Se em Portugal a exploração das fontes escritas e artísticas tem sido mais intensa, outros olhares, questionários e ângulos de abordagem poderão ainda ser perseguidos na sua análise, e as novidades da arqueologia medieval não cessarão, por certo, de nos surpreender.

Talvez seja agora o tempo dos historiadores portugueses passarem também a reflectir sobre os modos e os meios de representar e divulgar estas temáticas históricas, nos livros e manuais dos diversos graus de ensino; de debaterem cientificamente as recriações históricas; ou de questionarem a sua mensagem e adaptação de acordo com os diferentes públicos e meios de comunicação.

Os ambientes e conteúdos da vida quotidiana do homem medieval são assuntos apetecíveis e desafiam a curiosidade dos homens do presente. A convocar, por isso, com toda a pertinência e acuidade, ainda um outro e vivo debate e um amplo e inevitável questionamento sobre a escrita da história e a escrita da ficção histórica.

80. As biografias dos reis portugueses da primeira e segunda dinastia estão englobadas na obra *História dos Reis de Portugal. Da fundação à perda da Independência*, Manuela Mendonça Pereira, coord. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2010: I. As biografias das infantas e rainhas saíram pelas mesmas editoras em 2011 e constam das seguintes para a medievallidade: Coelho, Maria Helena da Cruz. *D. Filipa de Lencastre. A inglesa rainha. 1360-1415*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Coelho, Maria Helena da Cruz. *D. Leonor de Portugal. A imperatriz. 1434-1467*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Costa, Paula Maria. *D. Maria. A formosíssima. 1313-1357*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Freitas, Isabel Vaz de. *D. Isabel de Coimbra. Insigne rainha. 1432-1455*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Freitas, Isabel Vaz de. *D. Joana. A excelente senhora. 1462-1530*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Marques, Maria Alegria Fernandes. *D. Dulce de Aragão. Rainha fecunda. 1160(?) - 1198*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Marques, Maria Alegria Fernandes. *D. Matilde, D. Teresa, D. Mafalda e D. Sancha-Primeiras infantas de Portugal, 1149(?) - 1296*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Martins, Armando Alberto. *D. Beatriz. A princesa rejeitada. 1373-1420*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Martins, Armando Alberto. *D. Leonor Teles. A flor da altura. 1350-1405*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Martins, Maria Odete Sequeira. *D. Beatriz. Mulher de ferro. 1429-1506*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Martins, Maria Odete Sequeira. *D. Isabel de Portugal. Duquesa de Borgonha. 1397-1471*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Mendonça, Manuela. *D. Leonor. Fundadora das Misericórdias. 1458-1525*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Pimenta, Maria Cristina. *D. Isabel de Trastâmara. A rainha desejada. 1470-1498*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Pimenta, Maria Cristina. *D. Joana. Princesa e santa. 1452-1490*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Santos, Maria José Azevedo. *D. Inês de Castro. Colo de Graça. (?) - 1355*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Santos, Maria José Azevedo. *D. Isabel de Aragão. Rainha Santa. 1270(?) - 1336*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Veloso, Maria Teresa Nobre. *D. Urraca e D. Beatriz, Construtoras da paz. 1187-1220. 1244-1303(?)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Ventura, Margarida Garcez; Araújo, Julieta. *D. Leonor de Aragão. A triste rainha. 1402(?) - 1445*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011; Vicente, Maria da Graça. *D. Filipa. A senhora de Odivelas. 1437-1493*. Lisboa: Academia Portuguesa da História-QuidNovi, 2011.

